

## **PÁLIDO COLOSSO**

---

*Trechos principais de críticas recebidas, seguidos dos recortes de onde foram extraídos.*

“...Pálido Colosso nos faz rir das próprias tragédias.”

**Ana Luisa Vieira / Carta Capital**

“Há temas e subtemas interessantíssimos em Pálido Colosso.

...

...não há dúvida de que este trabalho espelha uma vocação genuína para a investigação dos dilemas contemporâneos.”

**Mariangela Alves de Lima / O Estado de S.Paulo**

“Cada olho voltado para o palco (...) mostra um brilho particular de quem viveu, de alguma maneira, aquela história. São olhares de quem concorda e de quem discorda, de quem viveu e de quem leu nos livros do colégio, de quem agiu exatamente da mesma maneira que o personagem e de quem batia nas pessoas que agiam daquela maneira... tudo, menos olhar de espectador puro e indiferente.”

**Juliene Codognotto / Revista Bacante**

# Rindo (muito) pra não chorar

por Juliene Codognotto  
Fotos: José Romero

Índice geral  
quem somos  
contato  
links  
colabore

editorial  
resenhas  
matérias  
entrevistas  
blog

REVISTA  
BACANTE  
ESPECIAL DE NATAL



Se você tá a fim de comer amendoim, tomar cerveja, ouvir música boa e discutir política e futebol? sim, pode ir ao teatro! Bem, talvez você não queira discutir, então pode só comer amendoim e dar risada. No cabaré montado na sede da Companhia do Feijão, totalmente modificado desde *Nonada* (só o que sobrevive do espetáculo anterior é o figurino do ator que, na ocasião, interpretava o narrador. Ele deve ter se apegado. Figurino bonito...), o grupo discute, em esquetes provocadoras, divertidas e algumas bobas mesmo, os acontecimentos recentes (por recentes entenda desde a ditadura e até um pouquinho antes) da política nacional - que todos sabemos: dão margem a muita piada.

Graças ao fomento municipal, que deu grana pra pesquisa "Por que a esquerda se endireita - um estudo da alma brasileira contemporânea", o espetáculo **Pálido Colosso** acaba de estreiar e fica em cartaz até dezembro. A desesperança e a falta de novas perspectivas para o nosso tão famigerado Estado-nação permeiam toda a montagem, que reflete as muito variadas atitudes de cada um de nós em cada momento da nossa história recente. Neste ponto, os atores lidam com um componente que pode atrapalhar e contribuir, dependendo de como se lida com ele: a memória da platéia. Cada olho voltado para o palco de cortinas extravagantes mostra um brilho particular de quem viveu, de alguma maneira, aquela história. São olhares de quem concorda e de quem discorda, de quem viveu e de quem leu nos livros do colégio, de quem agiu exatamente da mesma maneira que o personagem e de quem batia nas pessoas que agiam daquela maneira... tudo, menos olhar de espectador puro e indiferente.



Como muitas vemos nas peças em formato de cabaré, há desnível entre as cenas: enquanto algumas encantam, outras ficam fora de contexto ou parecem ter sido pouco trabalhadas. Todas, no entanto, estão carregadas de uma sinceridade que vem do processo de criação, baseado nos depoimentos dos atores costurando os anos 60, 70, 80, 90... ufa! Não se está falando ali de marcos históricos, de leis, nomes ou datas, mas de pessoas, seres humanos buscando esperanças, construindo heróis e se perdendo no meio das próprias escolhas. Claro que, tratando-se de política? aquela que em geral, "não se discute!" - tudo é carregado de concepções muito pessoais, mas isso definitivamente não é problema. É com base em opinião pessoal que o grupo expõe uma análise do quanto nosso sistema é cíclico e produz as mesmas criaturinhas que chamamos de políticos, que mudam só a roupa pra enganar os trouxas (nós). Produzidos por um sistema em que participação popular é por si só uma piada, o esportista, o acadêmico e o sapo barbudo são todos príncipes que, no final, traem suas princesas e caem na gandaia.

E se você pensa que ali só se fala em ditadura, Diretas Já e morte do Tancredo Neves, que nada! Você também pode aprender culinária. Numa sátira aos programas de receitas, um ator nos ensina o seguinte quitute:

## Enroladinho de Polvo

**Recheio:** pegue o polvo vivo e aperte a cabeça até sair toda a tinta. Sapeque as ventosas para que ele não tenha como se agarrar(...). Cozinhe até o polvo desmanchar (...) Passe tudo por um moedor para homogeneizar e tempere com pimenta de cheiro

**Massa podre:** retire vários punhados de Farinha Três Poderes de um mesmo saco e os distribua numa tábua bem esplanada e untada: punhados menores à direita e à esquerda, o maior no centro. (...)

**Preparo:** Abra a massa, coloque o polvo e enrole bem. (...)

E, pra quem gosta de celebridade global, tem até uma gravação da Christiane Torloni, ativista que agora se voltou para a Amazônia (certa ela, pelo menos lá, os bichos são menos esquisitos que os políticos). Na ocasião, Chris se manifestava com muito empenho contra o FMI. A pérola foi tirada do Youtube. Veja você mesmo, abaixo.

Já caminhando para o final, uma cena resume a zona que é o nosso momento atual sem-perspectiva-nem-esperança-nem-nada-do-tipo: duas velhinhas surdas a la *A Praça é Nossa*, conversam sobre os presidentes e outras figuras ilustres e os confundem sistematicamente. A cena é um enorme conjunto de grandes clichês, mas, convenhamos, zuar o Sarney e as criaturas que continuam elegendo esta pequena múmia é um clichê delicioso, não?

Teatro Em cartaz:

# Mais pequenos milagres, agora pela Cia. do Feijão

Há tantas histórias, temas e subtemas, em *Pálido Colosso*, que até seria possível arquitetar, com essas mesmas oportunas propostas, meia dúzia de outras obras

## CRÍTICA

MARIANGELA ALVES DE LIMA  
ESPECIAL PARA O ESTADO

Há temas e subtemas interessantíssimos em *Pálido Colosso*, o mais recente espetáculo da Companhia do Feijão. São tantos e tão oportunos os assuntos que talvez seja possível arquitetar com as mesmas propostas uma meia dúzia de obras diferentes. Estão em cena, sob a forma de pequenos episódios tratados de modo irônico ou francamente grotesco, movimentos sociais e os lances políticos consequentes desde as primeiras décadas do século 20. Recontados através da visão retrospectiva de personagens contemporâneas ou, mais raramente, de textos ficcionais de outros autores, os fatos históricos têm, contudo, estilo informativo e claro, indicando o propósito elucidativo característico da poética desse conjunto paulistano. Desde 1999, o grupo vem apresentando encenações cuja ótica contempla de modo especial a cultura e a contingência da população pobre do país. Desse modo, as formas narrativas forjadas para esse objetivo consideram a possibilidade de dialogar também com o público que inspira a representação, considerando-o interlocutor qualificado para apreciar formalizações sofisticadas e provocações intelectuais abstratas. Nenhum espetáculo do grupo até hoje pecou por fazer concessões didáticas.

Esta última criação, contudo, alterna dois níveis de linguagem e, por essa razão, parece contemplar virtualmente dois ou mais tipos de público. Para quem não teve a oportunidade de testemunhar a história ou de aprender em uma escola razoável, as situações e personagens são recontadas de modo simplificado, quase como se fossem endereçadas a uma plateia muito jovem. Considerada em relação aos espetáculos anteriores, essa novidade é um re-



• JOGO E A FARSA - Formato leve dos antigos espetáculos de variedades, apresentados em cabarés

trocesso. Ao mesmo tempo um movimento paralelo apresenta o indivíduo "moendo" a história, reinterpretando-a no momento em que ocorre, adaptando o fato ao interesse e à capacidade de compreensão do sujeito que a rememora. De um modo geral, a versão subjetivada contraria a nitidez do documento e interpreta-o sob a luz dos interesses de um grupo ou de uma pessoa. As vigorosas mobilizações sindicais que precederam a régua e o compasso da legislação trabalhista são um bom exemplo do procedimento do espetáculo porque são representadas pelo avesso, por fura-greves e oportunistas mimetizados de modo farsesco.

Nem sempre os dois planos se harmonizam do ponto de vista estilístico. Talvez por contemplar uma vasta extensão temporal e um numeroso repertório de temas, que vão da tortura sob o regime militar até os dilemas morais da militância de esquerda, o espetáculo muda rapidamente de tom, como se fosse um show de variedades. Esse é, por enquanto um

gênero novo que o grupo propõe a si mesmo e que ainda não está bem resolvido neste trabalho. O formato leve e aparentemente aleatório dos antigos espetáculos de variedades, apresentados em cabarés ou em casas de diversões, se estrutura sobre artimanhas da recepção que dosam muito bem o lírico, a pitada de drama, o erotismo, o jogo e a farsa. As cenas se intercalam ou se repetem de acordo com a observação prolongada e cristalizada do comportamento do público e grandes artistas que se apropriaram do gênero (em especial os dramaturgos expressionistas) aproveitaram essas úteis convenções. Em *Pálido Colosso*, no entanto, os diferentes tratamentos obedecem a conexões um tanto misteriosas. De um modo geral, temos a impressão de que o processo de criação ofereceu uma quantidade tão grande de cenas e propostas que foi preciso cortar e pular logo para o outro em obediência a uma ambição cronológica.

Foi-se o tempo (e que no passado permanecia) em que a críti-

ca cobrava dos artistas mais estudo e seriedade na invenção da sua poética. Grupos estáveis em todo o país se agregam em torno de projetos de pesquisas que conturbem para alargar todos os campos do conhecimento, não só o território da arte. A Companhia do Feijão é um desses grupos com um campo vazio na coluna do haver, não há dúvida de que este último trabalho espelha uma vocação genuína para a investigação dos dilemas contemporâneos. A longa citação de uma obra de Oduvaldo Vianna Filho neste espetáculo parece, contudo, o sintoma de uma aspiração nostálgica pela síntese ou, talvez, pela decantação que traz à tona uma ou duas coisas e deixa no fundo um logo fértil para criações futuras. •

### Serviço

• **Pálido Colosso**. 100 min. 1 ano. **Companhia do Feijão** (45 lug.). Rua Dr. Teodoro Baima 68, 3259-9086. 5.ª a sáb. 21h; dom. 19h. R\$ 10

# CartaCapital

POLÍTICA, ECONOMIA E CULTURA

www.cartacapital.com.br



JOSE ROVERO

## TEATRO

Recebido com aperitivos e acomodado em mesas redondas, o público de *Pálido Colosso* pode ter a sensação de estar em um bar, não em um teatro. Mas logo as luzes iluminam o palco e é ali que a **Companhia do Feijão** apresenta à platéia ícones da política nacional. Nascido da pesquisa *Por que a esquerda se endireita*, o espetáculo tem narrativas curtas, cheias de humor. Alguns personagens não têm nome, mas fica fácil adivinhar quem são. Há o professor universitário que, ao autografar o livro de uma aluna, pede a ela "esqueça o que escrevi" e o sapo de cerâmica que vira príncipe barbudo. Apesar do final confuso, *Pálido Colosso* (em na sede da companhia, em São Paulo) nos faz rir das próprias tragédias. - ALV

# BRAVO!

O MELHOR DA CULTURA EM DEZEMBRO DE 2007



## OS MELHORES ESPETÁCULOS NA SELEÇÃO DE BRAVO!

### PÁLIDO COLOSSO

Direção, dramaturgia e iluminação Pedro Pires e Zernesto Pessoa. Com a Cia. do Feijão.

**O espetáculo:** Numa espécie de cabaré, quadros de diversos gêneros abordam fatos do período da ditadura aos dias de hoje, com o objetivo de repensar a história e a degeneração do poder público.

**Por que ir:** A peça balanceia cenas cômicas, ácidas e poéticas sobre os projetos políticos vividos no país. Também desnuda a população como refém de um sistema que pouco se aperfeiçoa no correr dos tempos.

**Preste atenção:** Em como o espetáculo se equilibra entre memórias pessoais e coletivas. Os atores resgataram passagens da infância, adolescência e idade adulta, tecendo relações com fatos políticos de cada momento.

**Onde:** Companhia do Feijão (rua Dr. Teodoro Baima, 68, República, São Paulo, tel. 0++/11/ 3259-9086). **Quando:** De 5ª a sáb., às 21h; dom., às 19h. Até 16/12. R\$ 10.

**Veja também:** *Havana Café*. Direção e dramaturgia de Luiz Fernando Lobo. O espetáculo, que comemora os 15 anos da Companhia Ensaio Aberto, é uma remontagem de *Cabaré Youkali*, encenado em 1995. No Teatro Café Pequeno, no Rio de Janeiro (tel. 0++/ 21/2294-4480).